

# A TRADIÇÃO DO SERVO SOFREDOR DE ISAÍAS 52,13–53,12 EM JESUS DE NAZARÉ

José Luiz Izidoro

## 1. Um rápido olhar à história do cristianismo primitivo

O processo da construção da identidade do cristianismo primitivo não esteve isento de conflitos e tensão. Seu processo interacional entre fronteiras étnicas e geográficas está impregnado de fatores de diferenciação e aproximação, o que irá construir um tecido identitário plural e diversificado.

Os escritos sagrados são reflexos de experiências vividas ao longo da história, presentes na memória individual e coletiva dos povos e culturas. Certamente, na memória das comunidades cristãs primitivas dos séculos I ao III dC estariam presentes muitas e variadas experiências cristãs que são contempladas, mesmo como fragmentos, na redação da literatura neotestamentária. Também assim foi interpretada a Sagrada Escritura em outros contextos culturais e religiosos. Segundo D.F. Payne, a identificação messiânica do Servo (Is 52,14), nos Rolos do Mar Morto (1QIs<sup>a</sup>), poderia ter sido feita pela própria seita de Qumran<sup>1</sup>. Já para Philipp Vielhauer,

o cristianismo primitivo entendeu que a proclamação de sua fé coincidia com a revelação de Deus *fixada por escrito* e fez a tentativa de demonstrar esta coincidência sobre os mais diversos aspectos e com diferentes amplitudes; porém, de fato utilizou a *Sagrada Escritura do AT* de modo secundário e subsidiário, como recurso apologético e polêmico para a explicação do que Deus fez em Jesus Cristo e não como norma crítica de sua própria mensagem<sup>2</sup>.

Em um primeiro momento do cristianismo primitivo, encontramos os testemunhos daqueles e daquelas que estiveram reunidos com Jesus Cristo. Posteriormente, a partir da segunda geração de discípulos e discípulas, encontramos os grupos que expandiram o cristianismo a partir do querigma pascal anunciado. Na comunidade cristã primitiva, Jesus, conhecido como *aquela que anunciava e dava seu testemunho*, isto é, o portador da mensagem, passa a *ser anunciado* agora como *Boa-Nova* (Evangelho). Segundo Rudolf Bultmann,

conforme mostra a tradição sinótica, a comunidade primitiva retomou a pregação de Jesus e continuou a anunciá-la. E na medida em que o fez, Jesus tornou-se

1. D.F. Payne. "The Servant of the Lord: Language and Interpretation". In: *Evangelical Quarterly*. Carlisle, 1971, v. 43, n. 3, 1971, p. 134.

2. Philipp Vielhauer. *Historia de la literatura cristiana primitiva*. Salamanca: Sígueme, 1991, p. 816.

para ela o mestre e profeta. Mas ele é mais: é, ao mesmo tempo, o Messias; e assim ela passa a anunciar – e isso é o decisivo – simultaneamente a ele mesmo<sup>3</sup>.

O cristianismo, desde o seu início, empreendeu grandes esforços individuais e coletivos para estabelecer, talvez, um possível perfil de Jesus que catalisasse as diversidades e as expectativas messiânicas. Lc 1,1 é enfático em apontar as tentativas e “variedades” de escritos existentes para narrar “os fatos que se cumpriram entre nós”. Para Philipp Vielhauer, “o cristianismo primitivo produziu um grande cabedal de literatura própria que serviu para propagar por diversas vias a fé cristã”<sup>4</sup>. São experiências primitivas consideradas como células de um cristianismo germinal que, passando pela oralidade, farão parte da vasta literatura de cunho cristão. Para Antonio Piñero,

no momento de configuração do cristianismo houve algo muito distinto a uma uniformidade e unicidade nas doutrinas. A multiplicidade e, inclusive, contradições de idéias teológicas que o Novo Testamento abriga, algumas até mesmo absolutamente fundamentais, nos induz por ela mesma a modificar a imagem que temos<sup>5</sup>.

Não se reduz a literatura cristã aos quatro evangelhos. Estes são partes de uma literatura que extrapola o cânon estabelecido posteriormente. Para John Dominic Crossan,

os quatro Evangelhos intracanonicos não são uma coleção completa, nem uma seleção aleatória dos textos disponíveis. Eles foram escolhidos deliberadamente num processo em que outros evangelhos foram rejeitados não só por questão de conteúdo, mas também de forma. A retenção, desenvolvimento e criação do material acerca de Jesus são encontrados tanto em fontes intracanonicas quanto extracanonicas. As discrepâncias entre as diversas narrativas e versões não se devem apenas a falhas de memória nem a diferenças de ênfase, mas também a interpretações teológicas conscientes a respeito de Jesus<sup>6</sup>.

Assim, consideramos nesse vasto cabedal da literatura cristã as obras denominadas *apócrifas*<sup>7</sup> e *gnósticas*<sup>8</sup>, que muito contribuíram para uma aproximação às origens do cristianismo primitivo.

3. Rudolf Bultmann. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 74.

4. Philipp Vielhauer. *Historia de la literatura...*, p. 811.

5. Antonio Piñero (org.). *Fuentes del cristianismo: tradiciones primitivas sobre Jesús*. Madrid/Cordoba: Universidad Complutense/El Almendro, 1993, p. 368.

6. John Dominic Crossan. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. 2 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 29-30.

7. Aurélio de Santos Otero. *Los evangelios apócrifos*. Madrid: La Editorial Católica, 1963, p. 321: “*apó kriptó* (algo escondido, oculto). Este termo servia antigamente para designar os livros que se destinavam exclusivamente ao uso privado dos adeptos a uma seita ou iniciados em algum mistério. Depois, essa palavra veio a significar livro de origem duvidosa, cuja autenticidade se impugnava. Entre os cristãos, designaram-se com esse nome certos escritos cujo autor era desconhecido e que desenvolviam temas ambíguos”.

8. Marcel Simon e André Benoit. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Edusp, 1987, p. 279: “Gnosticismo: como um movimento religioso não cristão, provavelmente pré-cristão, que a princípio nada tivera a ver com o cristianismo, mas que para ele convergira no começo de nossa era, dando origem ao gnosticismo cristão. Por outro lado, o movimento mantivera uma existência própria, desaguando mais tarde no maniqueísmo”.

Presumivelmente, os escritos apócrifos situam-se entre o final do século I dC e do século II dC; assim como o caráter identitário de mártires, assumido pelos apóstolos de Jesus Cristo, onde o sofrimento e a morte se constituem como exigências éticas de seguimento<sup>9</sup>.

Sendo assim, por se situarem no início do cristianismo, os escritos apócrifos neotestamentários, como também os escritos canônicos, constituem uma importante fonte para a história do cristianismo primitivo. Tais escritos nos proporcionam uma visão muito mais ampla das tradições do nascimento do cristianismo e nos permitem uma grande variedade na perspectiva da teologia cristã, em seu período primitivo<sup>10</sup>, com leituras diversificadas para as concepções do Jesus Histórico.

## 2. A tradição bíblico-profética na releitura dos primeiros cristãos

Para Hans Conzelmann a chave para a compreensão da Escritura está “na ressurreição de Cristo para a Igreja (Lc 24,25-27). O conteúdo central das Escrituras é que o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos (Lc 24,46)”<sup>11</sup>.

Para D. F. Payne, “a Igreja Cristã deu um evidente significado da passagem da *morte do servo*; isto é, os cristãos leram Isaías 53 através das expectativas neo-testamentárias”<sup>12</sup>.

A narrativa de Atos 8,32-40 apresenta um exemplo peculiar e pertinente ao exercício de releitura efetuado pelos cristãos do período do cristianismo primitivo. Talvez esse texto fosse muito conhecido nas comunidades cristãs primitivas. Parece ter desempenhado um papel importante na compreensão e na pregação primitivas da Paixão (ver em Mt 8,17; Lc 22,37; At 3,13.26; 4,27-30; Rm 10,16; 1Pd 2,21-24). O servo sofredor de Isaías é relido desde o juízo injusto e morte de Jesus de Nazaré. Grande relevância tem para Lucas a introdução destes versículos de Isaías nessa perícopie, que apresenta o anúncio da *Boa-Nova* feito por Filipe ao etíope, situando-se a partir das Escrituras lidas por este. Eis a exegese realizada por Lucas nesse texto<sup>13</sup>.

O *quarto poema do servo do Senhor* (Is 52,13–53,12) ressalta os contrastes pelos quais passava o servo: horror inicial e assombro final, sofrimento desmedido por crimes alheios, processo injusto, morte ignominiosa própria de malvados. Lucas vê nos v. 7 e 8 do capítulo 53 de Isaías a chave para interpretar o assombro e a angústia experimentados pelas comunidades com relação à morte injusta de Jesus<sup>14</sup>.

9. Antonio Piñero e Gonçalo del Cerro. *Hechos apócrifos de los apóstoles I*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004, p. 219-221.

10. Antonio Piñero e Gonçalo del Cerro. *Hechos apócrifos...*, p. 509-510.

11. Hans Conzelmann. *Acts of the Apostles: a Commentary on the Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 68.

12. D.F. Payne. “The Servant of the Lord...”, p. 142.

13. José Luiz Izidoro. *Cristianismo etíope a partir da experiência étnica narrada em Atos 8,26-40*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005, p. 79 (dissertação de mestrado).

14. José Luiz Izidoro. *Cristianismo etíope*, p. 79.

A memória desse acontecimento é de profunda importância para a vida da *posteridade* do servo sofredor. Como será a vivência da memória histórica do servo sofredor? Quem reviverá ou relerá? Para Lucas é importante estabelecer na narrativa esses eixos que fazem do Primeiro e Segundo Testamentos um só percurso da *história da salvação*, na qual Jesus (acontecimento pascal) se situa como centro do querigma.

Segundo Oscar Cullmann, “Atos dos Apóstolos prova que já nos tempos mais antigos do cristianismo existia uma explicação da pessoa e da obra de Jesus que poderíamos chamar cristologia do *Servo de Iahweh*. Pois em At 8,26-40 se prova que Jesus foi explicitamente identificado com o *Servo de Iahweh* no primeiro século e que se conservou a lembrança de que o próprio Jesus havia compreendido assim sua missão divina”<sup>15</sup>.

### 3. O Jesus Histórico: algumas pistas de rastreamento

#### 3.1. Da história aos ditos de Jesus

O anúncio do reinado de Deus por Jesus de Nazaré, a partir do seu contexto histórico e sociocultural, é determinado,

pela compreensão judaica de Deus. Deus é vontade incondicional para o bem. Jesus divulgou a certeza de que em *breve* essa vontade se estabelecerá no mundo. Ele ajudará os fracos na manutenção dos seus direitos, dará poder aos pobres, saciará os famintos e dará aos pecadores uma chance de conversão<sup>16</sup>.

Para Theissen e Merz

a mensagem de Jesus do “reinado” de Deus deve ter despertado no povo (e em seus discípulos) a expectativa de que ele próprio seria o rei messiânico a introduzir esse reinado (Mc 11,9s). [...] Haveria uma tensão entre a atividade de Jesus e sua execução como pretendente político a Messias e é provável que seus acusadores tenham reinterpretado a pretensão de Jesus<sup>17</sup>.

Três aspectos tornaram-se responsáveis pelas agressões a Jesus:

sua crítica ao Templo; sua posição crítica à Torá; aspectos politicamente explosivos de sua pregação. Assim, Israel havia reconhecido que o justo também pode sofrer, e que o sofredor também pode ser justo. O vencido pode ter mais razão do que o vencedor. Deus pode estar ao lado do excluído e desprezado. Por isso, a comunidade do cristianismo primitivo logo narrou a história da morte de Jesus com os motivos do sofrimento do justo<sup>18</sup>.

15. Oscar Cullmann. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Liber, 2001, p. 102.

16. Gerd Theissen e Annete Merz. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 298.

17. Gerd Theissen e Annete Merz. *O Jesus histórico*, p. 485s.

18. Gerd Theissen e Annete Merz. *O Jesus histórico...*, p. 494.



Com isso,

“o processo termina com a sentença de morte e os maus-tratos contra Jesus. Aqui ele é escarnecido como *profeta*. O messianismo de Jesus não desempenha mais nenhum papel. Jesus aparece como o justo sofredor, que vai para a morte de forma soberana e presciente”. [...]. O sacrifício de Jesus tornou-se efetivo não pela morte, mas pela superação da morte”. [...]. O sofrimento de Jesus é interpretado como o martírio do justo sofredor que é deliberadamente aceito, necessário e conhecido por antecipação. No Evangelho de Mc, Jesus conhece antecipadamente os acontecimentos decisivos: Mc 14,9.22.25; 14,14s; 14,18; 14,27; 14,30; 14,41; 15,34. Em Mt, o sofrimento de Jesus é expressão de sua vontade soberana (Mt 26,1s; 26,25; 26,53; 26,61). Em Lc, os sofrimentos de Jesus correspondem a uma necessidade divina na história da salvação, que somente mais tarde ficará claro para os discípulos (Lc 22,37; 24,25; 24,44). Em Jo, a soberania de Jesus é elevada ao grau máximo. Ele tem o poder de entregar sua vida e tomá-la de novo (Jo 10,17-18; 18,1-9; 12,23-33; 13,1; 17,1-26)<sup>19</sup>.

Consideramos importante mencionar, no contexto do “Jesus Histórico”, alguns ditos de Jesus que respaldariam nossa hipótese, considerando, contudo, o processo histórico da tradição cristã que combinou o Jesus histórico com a experiência de fé no cristianismo primitivo.

Segundo John Dominic Crossan<sup>20</sup>, é possível encontrar pelo menos um inventário reconstruído das palavras que remeteriam ao Jesus histórico; eis aqui algumas delas:

Bem-aventurados os miseráveis.

Se me seguides, carregareis uma cruz.

As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o ser humano não tem onde pousar a cabeça.

Se alguém te bater na face direita, oferece também a outra; se alguém te perseguir e tomar o teu casaco, deixa que ele leve o manto também; e se alguém te obrigar a andar um quilômetro, acompanha-o por dois quilômetros.

Sois cordeiros no meio de lobos. Desde os dias de João Batista até agora, o reino de Deus sofre violência, e homens violentos tentam entrar nele à força. Porque todos os profetas e a lei profetizaram, até João.

Bem-aventurado aquele que sofreu.

Exalta a ti mesmo e serás humilhado; humilha a ti mesmo e serás exaltado.

19. Gerd Theissen e Annete Merz. *O Jesus histórico...*, p. 478-479.495.

20. John Dominic Crossan. *O Jesus histórico...*, p. 13-25.

Tais ditos confirmam algumas supostas características do Jesus Histórico, isto é, o despojamento, o sofrimento, a dor, a violência, aproximando-o do Servo Sofredor.

Mas existem algumas dificuldades em afirmar a historicidade dos atos e palavras de Jesus, considerando que não há um único escrito elaborado pelo próprio Jesus de Nazaré. Para John P. Meier, Jesus de Nazaré viveu aproximadamente trinta e cinco anos, na Palestina do século I. Em cada um destes anos ocorreram mudanças físicas e psicológicas.

Mesmo antes de iniciar o ministério, muitos de seus atos e palavras devem ter sido testemunhados por sua família e amigos, vizinhos e fregueses. Tais eventos deveriam ser conhecidos, na época, por quem se interessasse em saber, isto é, seus discípulos. Esses fatos poderiam ser registrados na ocasião por um investigador zeloso. No entanto, a vasta maioria desses atos e palavras, o *registro razoavelmente completo* do *Jesus real*, está irremediavelmente perdida para nós hoje. O *Jesus real*, mesmo no sentido de um registro razoavelmente completo de palavras e atos públicos, é desconhecido e desconhecível<sup>21</sup>.

Também poderia ter acontecido alguma ressignificação do conteúdo dos ditos e atos de Jesus de Nazaré a partir da forma e mudanças lingüísticas, isto é, da geração palestinese à helenista, como cultura e linguagem:

a forma lingüisticamente autêntica do ensinamento de Jesus, com exceção de cerca de uma dúzia de palavras preservadas nos evangelhos, desapareceu rapidamente. Ao mesmo tempo, em consequência do sucesso da Igreja primitiva no mundo gentio falante do grego, o conjunto das mensagens transmitidas pelos apóstolos – o Evangelho, as epístolas e o resto – foi registrado em grego, o que constitui a forma mais antiga que possuímos do Novo Testamento<sup>22</sup>.

Porém, segundo a proposta de John Dominic Crossan,

no cerne de qualquer cristianismo sempre existe – implícita ou explicitamente – uma dialética entre uma leitura histórica de Jesus e uma leitura teológica de Cristo. O próprio Novo Testamento contém uma grande quantidade de interpretações teológicas divergentes, sendo que cada uma aborda aspectos diferentes do Jesus histórico. Sempre haverá imagens divergentes do Jesus histórico, como sempre haverá cristos diferentes construídos a partir delas e, acima de tudo, mostra que a estrutura do cristianismo sempre será a seguinte: é assim que vemos o Jesus de então como o Cristo de agora<sup>23</sup>.

Para Gerd Theissen e Annette Merz, o consenso é que depois da Páscoa os cristãos disseram mais de Jesus do que o Jesus histórico sobre si mesmo. O Jesus histórico se tornou o *Cristo querigmático*, isto é, um salvador e redentor que foi proclamado<sup>24</sup>.

21. John P. Meier. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, v. I, p. 32.

22. Geza Vermes. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 11.

23. John Dominic Crossan. *O Jesus histórico...*, p. 461.

24. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 539-540.

Talvez devêssemos adotar uma postura mais conciliadora entre o *anúncio* e o *anunciado*, isto é, o ‘querigma’ nas comunidades cristãs primitivas e *Jesus de Nazaré*, não obstante a distância que o faz distinto nas diversas interpretações. John P. Meier, citando Norman Perrin, apresenta um possível caminho para repensar o Jesus Histórico na perspectiva de considerar o nível histórico, historial e teológico. Isto é,

podemos reunir conhecimentos históricos descritivos sobre um indivíduo do passado remoto chamado Jesus de Nazaré; este é o nível do histórico. Podemos prosseguir, destacando e reservando os aspectos desse conhecimento histórico que seriam significativos para nós no presente; este é o nível historial (que poderá ser feito por judeus, budistas ou agnósticos). E o conhecimento de Jesus pela fé, como Senhor e Cristo. Este nível, aos olhos dos que crêem, é o único e exclusivo território de Jesus e, ao contrário do primeiro e do segundo, não pode ser aplicado a outras figuras da história antiga. Não podemos separar o Jesus Histórico do Jesus historial. Um está profundamente entranhado no outro<sup>25</sup>.

### 3.2. *Jesus, “o servo sofredor de Deus”*

Depois de havermos percorrido o caminho das especulações a respeito do jovem Jesus de Nazaré, no que se refere aos possíveis indícios históricos e interpretativos, apontamos agora a hipótese que orientou nossa pesquisa. Isto é, haveria a possibilidade de que, segundo a tradição profética imbuída no judaísmo, Jesus de Nazaré assumiria, a partir de sua prática, o perfil do “servo sofredor” de Isaías 52,13–53,12.

Da história aos ditos de Jesus nos deparamos com vários elementos relacionados com a prática de Jesus de Nazaré que, não obstante o valor histórico das diversas releituras realizadas posteriormente, o aproximam consideravelmente ao *Servo Sofredor* do segundo Isaías (Is 52,13–53-12)<sup>26</sup>.

Para Oscar Cullmann, a história da salvação passa por um desenvolvimento: da criação total passa-se à humanidade, da humanidade ao povo de Israel, do povo de Israel ao *remanescente*; do remanescente a um só homem, *Jesus*. Este desenvolvimento da história da salvação é prefigurado pelo *Ebed de Iahweh*, que é, ao mesmo tempo, povo, *remanescente* e indivíduo. *Ebed* é o servo de Deus que sofre e é *ungido* do Espírito. Porém, a idéia de um Messias sofredor era dificilmente aceitável para os rabinos<sup>27</sup>. Torna-se inaceitável que o ungido de Deus e o esperado Messias se identificasse com o escândalo da cruz. Joachim Jeremias diz que, no mundo helênico, o título *Servo de Deus* foi escandaloso desde o princípio, porque parecia que não expressava sufici-

25. Norman Perrin (1967). Apud John P. Meier. *Um judeu marginal...*, v. I, p. 39-41.

26. *Ebed*: escravo, servo. A forma aparece 799 vezes no AT. As principais passagens que falam a respeito encontram-se nos últimos 27 capítulos de Isaías. Em 12 dos 20 exemplos no singular e nos 11 exemplos do plural, o servo é a nação de Israel. Deve-se identificar esse servo com Israel servo, mas também se deve fazer distinção entre um e outro, pois o servo tem uma missão junto a eles (VV.AA. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1066-1067). Para outras explicitações sobre o Servo de Iahweh e a identificação de Jesus com o Servo, veja MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 870-872.

27. Oscar Cullmann. *Cristologia...*, p. 80-86.

entamente a majestade do glorificado; por isso, já o cristianismo judaico-helênico (Rm 1,3) substituiu *pais theou* (servo de Deus) por *'Iós tou theou* (filho de Deus)<sup>28</sup>.

Para Cullmann, a noção do *Servo de Iahweh* permite captar o acontecimento cristológico central de uma maneira perfeitamente adequada ao testemunho de todo o Novo Testamento. Pois a morte expiatória de Jesus não é só o ato central de sua vida terrena; é também o acontecimento central de toda a história da salvação. A noção do *Servo de Iahweh* caracteriza a obra e a pessoa do Jesus Histórico de uma maneira perfeitamente de acordo com o testemunho cristológico do Novo Testamento<sup>29</sup>.

Do Jesus histórico a uma cristologia germinal do cristianismo primitivo afirma-se a fé pascal, desde onde o querigma é anunciado; porém evocam-se também as experiências ou memórias pré-pascais. A vida de Jesus e sua autocompreensão tornam-se relevantes para interpretações pós-pascais.

Na perspectiva de que Jesus assumiria em sua vida a tradição do *Servo sofredor* de Is 52,13–53,12, não se trataria de um *título cristológico* e sim da vivência segundo a tradição vétero-testamentária da profecia isaiana. É essa vivência histórica, caracterizada pelo sofrimento, a cruz e a paixão, etc., que se evoca como cristologia revestida das reivindicações neotestamentárias. Para Gerd Theissen e Annette Merz, mesmo os títulos cristológicos como *Messias* e *Filho de Deus* tiveram necessariamente de ser aprofundados pela integração de cruz e paixão. Que o Messias devia sofrer é a intuição que os discípulos de Emaús só vêm a ter pela lição do ressuscitado (Lc 24,26). Fórmulas pré-paulinas ressaltam que ele devia sofrer por *nossos pecados* (Rm 5,8; 14,15; 1Cor 8,11; 1Ts 5,10)<sup>30</sup>. Assim como o polêmico título cristológico *Filho do Homem*, que, segundo Theissen e Merz, “foi o único termo que Jesus relacionou explicitamente a si mesmo, termo que não é um título, mas uma expressão cotidiana”<sup>31</sup>, onde a exaltação a *Filho do Homem* foi identificada com o *crucificado* e *sofredor*. Filho do Homem *rebaixado* e *exaltado*. Aqui, o homem é, de um lado, um *ser celestial* preexistente que desceu do céu (Jo 3,13); ao mesmo tempo, ele é como *sofredor* (Jo 3,14; 12,34) e *glorificado* (Jo 12,23)<sup>32</sup>:

o “Filho do Homem” atingiu sua soberania apenas pelo sofrimento e pela morte. Em Jesus todas as expectativas implícitas, evocadas ou explícitas foram crucificadas. Ele se tornou o Messias. Nele se cumpriram as expectativas messiânicas, embora de forma paradoxal pelo sofrimento e pela morte<sup>33</sup>.

Mesmo que a pesquisa até aqui apresentada nos possibilite uma considerável aproximação do Jesus histórico com a tradição vétero-testamentária do *Servo de Iahweh* de Is 52,13–53,12, ainda sentimos a necessidade de uma maior visualização do

28. Joachim Jeremias. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã Ltda., 2006, p. 158.

29. Oscar Cullmann. *Cristologia...*, p. 110-111.

30. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 582.

31. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 588.

32. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 582-584.

33. Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus histórico...*, p. 589.



Novo Testamento, no que se refere aos textos indicativos de Jesus de Nazaré em correspondência com o *Servo de Iahweh* isaiano. São poucas as vezes em que se aplicam a Jesus, expressivamente, as referências ao segundo Isaías, isto é, ao servo de Deus. Aqui apresentaremos, junto a outras referências diretas e indiretas, os textos de relevância e concordância de Jesus com o Segundo Isaías, referentes ao servo de Deus. Iremos estabelecendo o grau de distanciamento, aproximação e primazia das interpretações e releituras referentes ao Jesus histórico para assim considerar a possibilidade de que, segundo a tradição profética imbuída no judaísmo, Jesus de Nazaré assumiria, a partir de sua prática, o perfil do ‘servo sofredor’ de Isaías 52,13–53,12. Para Joachim Jeremias<sup>34</sup>, os textos aqui elencados sugerem uma relativa aproximação de Jesus de Nazaré com o *Ebed Iahweh* isaiano: Mt 8,17 (Is 53,4); 12,18-21 (Is 42,1-4); Lc 22,37 (Is 53,12); Jo 12,38 (Is 53,1); At 8,32s (Is 53,7s); Rm 15,21 (Is 52,15); junto a outras citações de referências diretas e indiretas, como as que seguem:

1. Fórmulas e tradições anteriores a Paulo: 1Cor 15,3-5, que remontam a um texto primitivo semítico, que deve referir-se a Is 53; as palavras da ceia (1Cor 11,23-25); o hino cristológico de Fl 2,6-11; a confissão de fé de Rm 8,34; 1Tm 2,6.
2. Fórmulas e tradições pré-sinóticas: Também nos sinóticos pode verificar-se que se tem empregado uma antiga tradição na maioria das referências para as afirmações do Segundo Isaías sobre o *Servo de Iahweh*: antiga fórmula da ceia (Mc 14,24; Mc 10,45; Mt 20,28); o batismo (Mc 1,11; com Is 42,1). Assim mesmo para Lc 22,37 (Is 53,12) e para Mt 8,17 (Is 53,4), por conta de sua vinculação com o texto hebraico. As antigas passagens de Mc 9,12 (Is 53,3) e Lc 22,37 mostram que as numerosas referências gerais à Escritura, que aparecem nos três sinóticos em conexão com afirmações concernentes à paixão de Jesus, estão pensando também em Is 53, inclusive talvez em primeiro plano.
3. Tradições e fórmulas nos Atos dos Apóstolos. Nos Atos encontramos, em 8,32s, uma citação de Is 53,7 (LXX), aplicada a Jesus; acha-se no fragmento da tradição que trata de Filipe. Fórmulas antigas em 1Pedro e em Hebreus. Em 1Pd 2,21-25 encontra-se toda uma série de citações livres de Is 53. Hebreus 9,28 remete a Is 53,12.
4. Fórmulas dos escritos joaninos. Também nos escritos joaninos as referências ao Servo do Segundo Isaías pertencem, sem exceção, a um antigo patrimônio tradicional (Jo 1,29.36.34; 3,14; 12,34).

Assim, observa-se que as releituras ou interpretações do servo de Deus, que se faziam nas comunidades cristãs primitivas, obedeciam às tradições e fórmulas antigas, muito próximas possivelmente ao Jesus Histórico.

34. Joachim Jeremias. *Estudos...*, p. 162-170.

Segundo Joachim Jeremias, no Novo Testamento, de todas as afirmações do Dêutero-Isaías referentes ao Servo, somente Is 42,1-4.6; 49,6 e 52,13s são interpretados messiamicamente. Deste modo se confirma que a interpretação cristológica dessas passagens procede do período palestinese, anterior ao helenista, da Igreja primitiva<sup>35</sup>.

Assim, para Jeremias, Is 53 é responsável por um grande papel na pregação cristã primitiva e na literatura dos mártires. Jesus é caracterizado como o servo de Deus paciente, como modelo de serviço (Mc 10,45); de desinteresse (Fl 2,5-11); de sofrimento voluntário e de inocência (1Pd 2,21-25), de humildade (1 Clem 16,1-17). Especialmente o mártir é o imitador perfeito do servo de Deus (Inácio aos Efésios 10,3; Eusébio, *História eclesiástica*. V.1, 23; V 2,2)<sup>36</sup>.

### Considerações

A diversidade de compreensão do Jesus Histórico se deve à própria pluralidade das experiências cristãs no contexto do cristianismo primitivo, considerando o ambiente político e sociocultural judaico-cristão, segundo as expectativas que se originavam nos respectivos espaços. Assim, se originam leituras diversificadas para as concepções do Jesus Histórico. A morte de Jesus poderia ter sido narrada na perspectiva do “servo sofredor”, segundo a tradição profética de Is 52,13–53,12; isto é, ‘o sofrimento do justo’. É o que observamos em At 8,32-40, na narrativa sobre Filipe e o etíope: o *servo sofredor* de Isaías é relido a partir do *juízo injusto e morte de Jesus de Nazaré*. O sofrimento de Jesus é interpretado como o martírio do *justo sofredor*.

Nas narrativas da paixão de Jesus nos evangelhos canônicos sobressaem-se muitos elementos que aproximam o *sofrimento de Jesus* à fisionomia do *servo sofredor* do quarto cântico isaiano. Tratar-se-ia de uma aproximação desproposita ou Jesus estaria realmente assumindo em sua vida a tradição profética de Isaías, cujos traços encontramos na literatura canônica e extracanônica neotestamentária (despojamento, sofrimento, abandono, dor, violência, silêncio e morte)? Na possibilidade de que houvesse um desenvolvimento no conceito de *servo sofredor* (Is 52,13–53,12), de um sentido coletivo ao individual, segundo a tradição profética judaica, Jesus estaria assumindo de alguma forma as tradições associadas ao *servo sofredor*, não obstante a ressalva de que parte do judaísmo palestino oficial no tempo de Jesus não havia incorporado à sua noção de Messias a idéia de um necessário sofrimento expiatório.

Poderia haver uma correspondência de *valor histórico* entre a noção de Jesus como *servo sofredor* (Is 52,13–53,12), segundo uma possível assimilação da respectiva tradição profética e sua interpretação em ambientes judaico-helenístico-cristãos e de diásporas, no contexto diversificado do cristianismo primitivo.

Portanto, pelas fontes das interpretações próximas a Jesus de Nazaré aqui apresentadas, canônicas e extracanônicas, como ressonâncias que evocam sua prática, di-

35. Joachim Jeremias. *Estudos...*, p. 171.

36. Joachim Jeremias. *Estudos...*, p. 178-179.

tos e missão e pela relevância das diversas aproximações literárias históricas, torna-se pertinente que Jesus tenha tido consciência da tradição do Segundo Isaías (Is 52, 13–53,12) em sua vida; sobretudo no que se refere ao sofrimento, abandono, paixão e morte; o que geraria a plausibilidade das interpretações pós-pascais de *Jesus Cristo* como *Servo de Iahweh*.

## **Bibliografia**

*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BARRET, C.K. *The Acts of the Apostles: a Critical and Exegetical Commentary*. Scotland: T&T Clark, 1994.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.

CONZELMANN, Hans. *Acts of the Apostles: a Commentary on the Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. 2 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Líber, 2001.

HENGEL, Martin and BARRET, C.K. *Conflicts and Challenges in Early Christianity*. Harrisburg, Pennsylvania: Trinity Press International, 1999.

IZIDORO, José Luiz. *Cristianismo etíope a partir da experiência étnica narrada em Atos 8,26-40*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005 (dissertação de mestrado).

JEREMIAS, Joachim. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. 5 ed., São Paulo: Paulus, 1998.

MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, v. I.

MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. II/1.

PAYNE, D.F. “The Servant of the Lord: Language and interpretation”. In: *Evangelical Quarterly*. Carlisle, 1971, v. 43, n. 3, p. 131-143.

PIÑERO, Antonio e DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos apócrifos de los apóstoles I*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

PIÑERO, Antonio (org.). *Fuentes del cristianismo: tradiciones primitivas sobre Jesús*. Madrid/Cordoba: Universidad Complutense / El Almendro, 1993.

RIUS-CAMPS, Joseph. *De Jerusalén a Antioquía. Génesis de la iglesia cristiana: Comentario lingüístico-exegético a Hch.1-12*. Córdoba: El Almendro, 1989.

SANTOS OTERO, Aurelio. *Los evangelios apócrifos*. Madrid: La Editorial Católica, 1963.

SCHNEEMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha*. Cambridge/Louisville: Westminster/John Knox Press/James Clarke & Co., 1991, v. I.

SIMON, Marcel e BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Edusp, 1987.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2006.

VV.AA. *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

VIELHAUER, Philipp. *Historia de la literatura cristiana primitiva*. Salamanca: Sígueme, 1991.

*José Luiz Izidoro*  
Rua Halfeld, n. 1179 – Centro  
36016-000 Juiz de Fora, MG  
jeso\_nuap@hotmail.com